

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

AIRARE SILVA JAMXERE

BRINCADEIRAS CULTURAIS COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: relatos
de experiências desenvolvidas com professoras indígenas e não-indígenas de escolas da Terra
Indígena Mãe Maria

MARABÁ-PA

2023

AIRARE SILVA JAMXERE

BRINCADEIRAS CULTURAIS COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: relatos
de experiências desenvolvidas com professoras indígenas e não-indígenas de escolas da Terra
Indígena Mãe Maria

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

Marabá/PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

J32b Jamxere, Airãre Silva
Brincadeiras culturais como método de ensino e aprendizagem: relatos de experiências desenvolvidas com alunos indígenas de escolas da Terra Indígena Mãe Maria / Airãre Silva Jamxere. — 2023.
59 f. : il. color.

Orientador (a): Vanja Elizabeth Sousa Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2023.

1. Indígenas - Educação. 2. Brincadeiras - Educação. 3. Indígenas – Jogos - Educação. 4. Aprendizagem. 5. Estudantes indígenas. I. Costa, Vanja Elizabeth Sousa, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.829

BRINCADEIRAS CULTURAIS COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: relatos
de experiências desenvolvidas com professoras indígenas e não-indígenas de escolas da Terra
Indígena Mãe Maria

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de
Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e
Sudeste do Pará, como requisito final para obtenção do
grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação: Marabá (PA), 03 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a. Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa
Faculdade de Ciências da Educação-FACED - ICH/ Unifesspa
(Orientadora)

Prof. Dr. Lucivaldo Silva da Costa
Faculdade de Estudos da Linguagem-ILLA-ICH/Unifesspa
(Membro)

Prof.^o Dr Cloves Barbosa
Faculdade de Ciências Sociais do Araguaia-Tocantins – FACSAT-ICH/ Unifesspa
(Membro)

MARABÁ-PA

2023

AGRADECIMENTOS

Em agradecimento primeiramente a Deus por ter me dado essa oportunidade de ter cursado Pedagogia, abrindo oportunidades de outros saberes que a UNIFESSPA me propôs nesse ciclo da minha vida.

Agradecer minha família, em especial meu Pai Jamxere Lopes Kaprektyire, que esteve comigo em todos os momentos, me levava para estrada para pegar transporte pelas madrugadas em dias de chuva e sol, foi meu companheiro e meu grande incentivador para essa caminhada.

Minha mãe Ivanilde Silva Guarani, que foi minha companheira em todos os momentos cuidando do meu filho junto ao meu pai, foram meu porto seguro para continuar meu curso mesmo com tantos altos e baixos da minha vida.

Quero agradecer ao meu filho Krowatamtyre Airãre Jamxere Dandaro, que ao longo desses anos me fez crescer como mãe, como sua protetora e sua amiga. Que ao fim desse percurso mesmo lutando por sua vida, me fez não desistir de nada, me fez enxergar que a fé transborda barreiras.

Agradecer ao falecido cacique Kuwêxêre Kwryyti Parkatêjê, que sempre me apoiava e me ajudava com a parte financeira e transporte. Me aconselhava e ensinava muito com suas histórias e experiências de um cacique sábio, como ele dizia “essa árvore nunca vai morrer” rebuscando a cultura, a nossa identidade e a nossa língua.

Agradecer minha amiga irmã Pjekawere Kine Cardoso, que esteve comigo neste percurso, batalhando durante 5 anos, passando por muitas etapas juntas, uma incentivando a outra.

Agradecer também a tia e Mãe Pakene que me ensinou e me ajudou nos trabalhos da universidade, me incentivando e me apoiando em recursos financeiros e conselhos.

Agradecer a minha Cunhada Brenda Woch que me apoiou e me ajudou em muitos trabalhos e principalmente nesta parte da minha vida que é a saúde do meu filho.

E por fim agradecer a minha Professora Vanja Elizabeth Sousa Costa que me motivou e me apoiou nas orientações deste TCC, ela sempre segurou minha mão e me entendeu em todas as fases da minha vida, confiou em mim e me propôs muitos ensinamentos para a vida.

“Precisamos pensar em nossas crianças como parte do presente. Se não fizermos assim estaremos destruindo o futuro.”

(Gersem dos Santos, Professor Baniwa, AM.)

RESUMO

Os povos indígenas hoje, assim como seus antepassados continuam a lutar pelos seus direitos e por sua cidadania, para isso, muitos tem investido na sua formação escolar a partir das garantias alcançadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96. Este trabalho é o resultado da pesquisa realizada com 4 professoras que atuam em 4 escolas que fazem parte da Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no Sudeste do Pará, ocupada pelo Povo Gavião das etnias Akrãtikatêjê, Parkatêjê e Kyikatêjê, distribuídas em várias aldeias às margens da rodovia federal BR 222. Levando em conta a necessidade da manutenção das nossas tradições, nesse estudo tivemos como objetivo geral descrever como as brincadeiras indígenas são utilizadas como método no ensino e aprendizagem com os alunos e alunas indígenas de escolas da Terra Indígena Mãe Maria e como objetivo específico buscamos verificar se as brincadeiras indígenas culturais veem sendo utilizadas como uma forma pedagógica e meio de passar a nossa cultura. A pesquisa quanto aos seus procedimentos metodológicos se deu a partir da abordagem qualitativa, onde primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico sobre os teóricos da área, os documentos orientadores que tratam sobre a educação escolar indígena e algumas legislações, tais como: a Constituição Federal (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, esse material em seguida se constituíram em nosso referencial teórico. Os resultados demonstraram que as professoras entrevistadas que fizeram parte da pesquisa, buscam estratégias que relacionem seus direitos de uma educação diferenciada, tomando partido por uma construção de uma matriz curricular intercultural, buscando alternativas a um currículo conforme a cultura, identidade, saberes étnicos para a formação da realidade do povo Gavião. Vimos também a necessidade de que todas as professoras entrevistadas reconheçam a grandeza do lúdico como forma de ensino e aprendizagem, buscando garantir que as escolas indígenas sejam realmente um espaço para propagar a nossa sua cultura e não deixar perder nossa história.

Palavras-chave: Educação Escolar. Educação Escolar Indígena. Jogos e Brincadeiras indígenas.

ABSTRACTS

Indigenous people today, as well as their ancestors, continue to fight for their rights and for their citizenship, for this, many have invested in their school education based on the guarantees achieved by the Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96. This work is the result of a research done with 2 non-indigenous teachers and 2 indigenous teachers who participate in 4 schools that are part of the Mãe Maria Indigenous Land, located in Bom Jesus do Tocantins, in the southeast region of Pará, occupied by the Gavião People compounding the ethnic groups of Akrãtikatêjê, Parkatêjê and Kyikatêjê, distributed in several villages along the BR 222 federal highway. Taking into account the need to maintain our traditions, this study aimed to describe how indigenous games are used as a method in teaching and learning Indigenous students from 4 schools in the Mãe Maria Indigenous Land, as a specific objective, we seek to verify whether indigenous cultural games are being used as a pedagogical way and a means to continue our culture in the schools surveyed. The research regarding its methodological procedures took place from the qualitative approach, where we will learn to carry out a bibliographical survey on the theorists of the area, the guiding documents that deal with indigenous school education and some legislation, such as: the Federal Constitution (1988) and Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/96, this material then constituted our theoretical framework. The results showed that the interviewed teachers who took part in the research sought strategies that related their rights to a differentiated education, taking sides for the construction of an intercultural curriculum matrix, seeking alternatives to a curriculum according to culture, identity, ethnic knowledge for the reality formation of the Gavião people. We also saw the need for all the interviewed teachers to recognize the greatness of games as a way of teaching and learning, seeking to ensure that indigenous schools are really a space to spread our culture and not let our history be lost.

Keywords: School Education. Indigenous School Education. Indigenous games.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CAPÍTULO – POVOS INDÍGENAS POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA E DIFERENCIADA	14
2.1.O Lúdico como aprendizagem e expressão da cultura indígena	13
3 CAPÍTULO: MINHA COMUNIDADE, MINHA IDENTIDADE	16
3.1. Apresentação do retrato da aldeia Hakti	17
3.2. A luta pela escola na nossa comunidade	22
3.3. Os jogos lúdicos para os alunos da escola kôjipokti	
4. CAPÍTULO: A PESQUISA E SEU CAMINHAR	31
4.1. Os dados da Pesquisa	33
4.2 Resultados e discussões	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE 01- Roteiro de Entrevista com Professores Indígenas de Escolas da Terra Indígena Mãe Maria	54
APÊNDICE 02 - Roteiro de entrevista com Professores não-indígenas que atuam em escolas da Terra Indígena Mãe Maria	55

1 INTRODUÇÃO

Minha inserção no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) teve início em 2017, o curso me fez ter interesse por uma questão, na dinâmica da minha história acadêmica, que posso pôr em prática no uso de materiais didáticos para uma educação intercultural, especificando a aldeia que resido, que por sua história é chamada de HAKTI JÕKRI que significa aldeia do Gavião.

Portanto a escolha do curso veio primeiramente pela necessidade da Comunidade de ter cada vez mais professoras licenciadas na HAKTI JÕKRI e por ser uma área que me identifiquei. A Escola E.E.F.M KOJIPOKTI da minha comunidade está no processo de construção de materiais didáticos que desenvolvem a relação com seus conceitos ambientais e culturais e que estejam relacionados a sua vida indígena.

Os povos indígenas, assim como seus antepassados lutam pelos seus direitos e por sua cidadania, muitos investindo na sua formação educacional a partir das garantias alcançadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e sua alteração pelas leis 10. 639/03 e 11.645/08, que incluiu no currículo oficial das redes de ensino do país a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Essas legislações afirmam a valorização da cultura indígena e negra demonstrando novas concepções para o ensino a partir de vários contextos socioculturais.

Os povos indígenas apresentam características comuns, ou seja, variam as formas de organização social e política, os rituais, as cosmologias, os mitos, as formas de expressão artística, as habitações, as maneiras de se relacionarem com o ambiente que vivem as culturas, as línguas, quanto a estas:

Atualmente, mais de 160 línguas e dialetos são falados pelos indígenas no Brasil. Antes da chegada dos portugueses, contudo, só no Brasil esse número devia ser próximo de mil. A língua Tupinambá no processo de colonização, por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, que foi integrado por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinado aos indígenas nas missões e reconhecida como língua geral ou nheengatu. (A LÍNGUA QUE SOMOS, por José Ribamar Bessa Freire, 25/08/2013 - Diário do Amazonas).

Vivemos em um país multilíngue, com existências de inúmeras línguas que são usadas por diferentes grupos. Por essas diversidades linguísticas, hoje existe uma atenção nas escolas que se localizam dentro das comunidades indígenas para valorizar as línguas que fazem parte da nossa realidade e cultura. Com isso, é posto em prática, o ensino da língua que está presente no nosso cotidiano para a formação dos alunos.

O nome “gavião” foi atribuído a diferentes grupos por viajantes do século passado que desse modo destacavam seu caráter belicoso. Dentre os assim chamados, Curt Nimuendajú qualificou de “ocidentais”, “de oeste”, ou ainda “da mata”, aos que vivem

na bacia do Tocantins, a fim de os distinguir assim pukôbjê e krinkati, do alto Pindaré no estado do Maranhão, também conhecidos por aquela designação. (RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Línguas indígenas brasileiras/Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p.).

Habitamos a Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, ocupada pelo Povo Gavião das etnias Akrãtikatêjê, Parkatêjê e Kyikatêjê, distribuídas em várias Aldeias às margens da rodovia federal BR 222, a organização de nosso povo por esse território vem sofrendo várias divisões desde 2006, que se intensificou a partir de 2012¹.

Entre uma dessas, houve a cisão com a aldeia Akrãkaprekti, que resultou na criação da nova aldeia Hakti Jökri em meados de 2017 com a vinda de várias famílias para um espaço sem nenhuma infraestrutura, o que a partir de então iniciou-se a abertura de estradas, a construção de pontes, a construção das primeiras casas.

Além disso houve também uma enorme preocupação de como ficaria a situação dos alunos, pois, os mesmos estavam no meio do ano letivo, como não houve a possibilidade de acordo com a outra aldeia para que os alunos continuassem matriculados na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Katêkapônoti (EEIEFM Katêkapônoti), escola que está localizada na Aldeia Akrãkaprekti, então, os alunos foram transferidos para a EEIEFM Tatakt Kyikateje, localizada no KM 25 da BR 222 distante agora 12 quilômetros desta nova aldeia e as turmas anexadas nessa Escola.

Assim, levando em conta a necessidade da manutenção das nossas tradições, nesse estudo tivemos como objetivo geral descrever e analisar como as brincadeiras indígenas são utilizados como método no ensino e aprendizagem com os alunos e alunas indígenas de escolas da Terra Indígena Mãe Maria e como objetivos específicos buscamos verificar qual a importância das brincadeiras indígena culturais nas escolas da Terra Indígena Mãe Maria e com estas veem sendo utilizadas como uma forma pedagógica e meio de passar a nossa cultura.

- **Justificativa e interesse pelo tema**

Como já mencionado, sou uma mulher indígena e moro na aldeia Hakti Jökri e escolhi esse tema pois já conheço a realidade da TI Mãe Maria e reconheço que dentro das nossas comunidades o lúdico é muito utilizado como uma forma de diversão e como meio de passar a nossa cultura adiante.

Assim o tema surgiu como interesse de compreender como o lúdico por meio dos jogos e brincadeiras indígenas são importantes para o ensino e aprendizagem dos alunos indígenas de

¹ Os motivos dessas cisões não se referem ao nosso estudo, por isso não vamos fazer menções de aprofundamento de suas causas.

escolas da Terra Indígena Mãe Maria, pois as brincadeiras estão sempre presentes na cultura indígena é por meio delas que muitos dos alunos das nossas escolas aprendem, por onde eles desenvolvem atenção, raciocínio lógico, socializam entre si, aprendem as regras e em como viver em comunidade.

Na escola Kôjipokti por exemplo os alunos aprendem as mesmas matérias da escola urbana, mas em um dia da semana eles têm o reconhecimento da sua cultura indígena, eles aprendem as danças, as brincadeiras, os jogos, as pinturas, a culinária e todos os outros aspectos da nossa cultura.

Portanto a relevância dessa pesquisa está em compreender como o lúdico possibilita o ensino e aprendizagem dos alunos indígenas dentro das escolas e da aldeia da TI Mãe Maria, podendo assim, demonstrar que o lúdico pode e deve ser usado como ferramenta de ensino.

Dessa forma, é de suma importância que dentro das escolas indígenas haja o reconhecimento da grandeza do lúdico como forma de ensino e aprendizagem, buscando garantir que as populações indígenas tenham um espaço para propagar a sua cultura e não deixar perder sua história, que já foi devastada por conta da entrada do branco em nossas terras e de outros fatores que levaram a extinção de muitos povos indígenas tais como perda de território e desmatamentos.

- **A realização da pesquisa**

Como já mencionamos, esse estudo trata das brincadeiras culturais como método de ensino e aprendizagem: experiências desenvolvidas com alunos indígenas de escolas da Terra Indígena Mãe Maria e abordar a importância das brincadeiras e jogos tradicionais na cultura e identidade para a aldeia HAKTI JÕKRI, como uma possibilidade de reinventar a cultura de modo geral principalmente no que se refere ao uso do conhecimento de uma linguagem corporal através das brincadeiras, buscando ensinar seu valor para o povo.

Essa pesquisa quanto aos seus procedimentos metodológicos se deu a partir da abordagem qualitativa, onde primeiramente realizamos um levantamento bibliográfico sobre documentos que tratam sobre a educação escolar indígena e algumas legislações, tais como: a Constituição Federal (1988) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, esse material em seguida se constituíram em nosso referencial teórico.

Também realizamos uma Pesquisa de Campo onde utilizamos para coleta dos dados: visita as escolas da TI, ainda bem no início do Projeto dessa monografia e ao final de sua elaboração realizamos entrevistas semiestruturadas com professoras indígenas e não-indígenas. Realizamos as entrevistas com 4 professoras, destas 2 eram professoras indígenas e 2 professoras não indígenas.

Essa monografia está estruturada da seguinte forma: o segundo capítulo trata da luta dos povos indígenas por uma educação pública e diferenciada onde fazemos menção a lutas empreendidas pelos povos indígenas de maneira geral e retratamos um pouco das nossas lutas

e nossos esforços que está acontecendo por uma educação diferenciada dentro da nossa comunidade. No terceiro capítulo intitulado “minha comunidade, minha identidade” trago o retrato da aldeia Hakti Jökri, pois para mim é de suma importância, mostrar nesse estudo um pouco sobre a minha cultura e a comunidade que pertença: a aldeia Hakti Jökri. O quarto capítulo apresenta o caminho da pesquisa, e os resultados e discussões.

2 CAPÍTULO – POVOS INDÍGENAS POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA E DIFERENCIADA

Os povos indígenas têm lutado por uma educação escolar indígena, como um apoio para afirmar seus direitos, buscar conquistas através também da sua educação indígena que vem organizada por seus ancestrais, saberes tradicionais e costumes étnicos.

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas. (SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarak; DE SOUZA, Adria Simone Duarte; BETIOL, Celia Aparecida., 2017. p.60)

Desde o advento da promulgação da Constituição Federal de 1988, temos a luta por uma educação escolar indígena ou melhor intercultural, vem sendo como um campo de atuação pedagógica em termos de políticas públicas educacionais, isso se configurou, como um instrumento de luta dos povos indígenas e como um exercício de possibilidade para o poder público.

Este processo político, social e cultural pelo qual passou cada povo indígena em particular, possibilitou movimentos de continuidades, descontinuidades, rupturas e transformações. Por isso, cada experiência de escolarização é dinâmica e está sempre em construção, fruto das estratégias políticas usadas pelos indígenas para se afirmarem no espaço público brasileiro. (SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarak; DE SOUZA, Adria Simone Duarte; BETIOL, Celia Aparecida., 2017. p.64)

Foram através das nossas lutas e nossos esforços que vem acontecendo uma educação diferenciada dentro da nossa comunidade. Através de coletivos reunidos em fóruns, comitês, conselhos de professores e outras formas de organização que buscamos debater e chamar a atenção para a necessidade de viabilização de políticas de educação municipal mais efetivas, e com isso visibilizar o envolvimento que os professores bilíngues e os mais velhos da comunidade tem para esse fortalecimento.

A adoção das diretrizes curriculares para a educação nacional indígena em todo o território brasileiro propôs disponibilizar, em 10 anos, o Ensino Fundamental Indígena correspondente ao ensino de 1ª a 4ª séries em todo o território nacional, ampliar gradativamente a oferta do ensino escolar indígena de 5ª à 8ª séries, seja nas escolas indígenas ou pela integralização dos alunos índios às escolas comuns, fortalecer o ensino escolar indígena no país, criar a categoria educação indígena para garantir os direitos à educação diferenciada nesta categoria, assegurar autonomia às escolas indígenas, entre várias outras metas, que tratavam principalmente da regulamentação do ensino escolar indígena. (SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac; DE SOUZA, Adria Simone Duarte; BETIOL, Celia Aparecida., 2017. p.66)

Na nossa cultura os conhecimentos são repassados para as crianças, tudo aquilo que envolva seu dia a dia, suas atividades na comunidade para que possamos manter nossos costumes e identidade. A nossa língua faz parte do tronco Macro-Jê, Timbira e através dos Professores Bilingues, podemos ver essa compreensão que o Bilinguismo está de forma social dentro da comunidade e escola. E isso hoje está ocorrendo dentro da escola, para que a educação indígena se envolva nas necessidades que há na educação escolar. E a educação escolar indígena é uma escola que encaminha para os conhecimentos tradicionais, que reforça os projetos educacionais para que envolva os conhecimentos tradicionais dentro da escola.

A trajetória da educação indígena é marcada pelo desrespeito à cultura e aos costumes dos índios, pois, por muito tempo, os povos indígenas foram obrigados a negar sua identidade e integralizar-se aos costumes da sociedade branca. Nos últimos 20 anos, a educação indígena passou a caminhar sob uma concepção mais democrática, que busca valorizar a cultura e a identidade indígena. (SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac; DE SOUZA, Adria Simone Duarte; BETIOL, Celia Aparecida., 2017. p.67)

Nós como povos indígenas continuamos resistindo a um ensino que não seja na perspectiva intercultural, mesmo entre muitos obstáculos para impor nossos costumes, com objetivos pedagógicos para ser transmitido aos alunos, através de orientações dos anciões com diversas memórias lúdicas identificadas por suas tradições.

Nas comunidades indígenas em todo mundo, há um valor étnico de algo distinto e próprio. É através de situações críticas que encontramos nas escolas, que vemos que a proteção do Estado é essencial para a nossa sobrevivência, é através das nossas Lutas que levantamos questões que ainda não foram resolvidas, como a demarcação e a garantia das terras de nossos parentes indígenas de outras etnias.

Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas

diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política. (RCNEI, 2005, p. 24).

Com isso, e através das nossas lutas dentro da comunidade, há processos em que nós mesmos socializamos a formação das pessoas, na mobilização de agentes educacionais. Sabemos que o papel do Estado e de outras instituições da sociedade civil devem reconhecer o processo educativo para os interesses curriculares propostos pelas comunidades indígenas, para que os projetos políticos pedagógicos das escolas indígenas sejam desenvolvidos.

É fundamental que a comunidade faça sua escolha do que deva ser ensinado nas nossas escolas indígenas, quem deva ensinar ou em que período deva ser ensinado. E isso se resume em autonomia pedagógica e a uma educação intercultural que atenda às necessidades de cada comunidade, sabendo que há uma junção dos saberes dos povos indígenas com os dos não indígenas, conforme propõe o Referencial Curricular Nacional da Escola Indígenas, abaixo:

Para que seja preservada a unificação dos procedimentos na relação entre Estado e povos indígenas, a Constituição mantém, no seu Artigo 22, inciso XIV, a competência privativa da União de legislar sobre essas populações. O Artigo 210 assegura às comunidades indígenas, no Ensino Fundamental regular, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e garante a prática do ensino bilíngue em suas escolas. O Artigo 215 define como dever do Estado a proteção das manifestações culturais indígenas. A escola constitui, assim, instrumento de valorização dos saberes e processos próprios de produção e recriação de cultura, que devem ser a base para o conhecimento dos valores e das normas de outras. (RCNEI, 2005, p. 32).

Os povos indígenas sempre almejam por uma educação de qualidade, respeito e valorização as suas tradições e qualificação para sua formação profissional, garantindo seus direitos de um ensino diferenciado, tendo a existência de reivindicações para uma escola indígena de qualidade, com base em suas práticas e mudanças com o tempo, através do calendário que deve ser diferenciado.

Sommerhalder e Donizete (2013), em escrito sobre o “Jogo e a Educação da Infância muito prazer em aprender”, afirmam que:

Isso nos remete à ideia de que o jogo é produção da cultura, ou seja, representa símbolos, signos, valores, Hábitos e costumes, comportamentos e objetos produzidos pela sociedade, pela coletividade, antecedendo e transcendendo os indivíduos que dela

fazem parte. O jogo traz consigo elementos de nossa identidade pessoal e coletiva (p.12).

No ponto de vista cultural e educacional, nos últimos séculos houve uma mistura de várias etnias no Brasil, cada um com suas culturas, crenças, isso faz nosso país mais rico culturalmente. Então já existia uma maneira lúdica dos indígenas de ensinar seus filhos a caçar, pescar, brincar, dançar com aprendizados diferentes, assim seus próprios filhos produziam seus brinquedos extraído da natureza.

Sabemos que o Brasil precisa de medidas para concretização de suas legislações perante a educação escolar indígena, sendo assim para fortalecer as políticas públicas da educação indígena, garantindo aos povos indígenas direito a educação intercultural para crianças, jovens e adultos.

Portanto através de muitas reivindicações e agindo de forma pensada, hoje as escolas nas comunidades protestaram a escola civilizatória que o Estado impôs, onde seria restrito o uso de línguas indígenas, a cultura, os saberes étnicos não seriam respeitados e resumindo a valorizarem somente a educação ocidental.

O Artigo 78 determina que caberá ao Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os objetivos de: "1º) proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências; 2º) garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias" (RCNEI, 2005, p. 32,33).

Partindo dos direitos aos povos indígenas a uma educação diferenciada, seria necessário que haja também materiais didáticos específicos e acrescento também a necessidade de formação continuada aos professores indígenas, monolíngues em português, bilíngues e monolíngues na língua Gavião. Eu penso que para ensinar não basta ser falante de uma língua é necessário ter formação específica. que seja construído a partir da realidade cultural de cada povo. Sabemos que os professores bilíngues devem conduzir a língua materna no ensino para as crianças.

2 O Lúdico como aprendizagem e expressão da cultura indígena

O lúdico é muito importante para os povos da Terra indígena Mãe Maria, pois, é por meio dessa metodologia que as escolas das aldeias conseguem manter as tradições, não como único método, mas como o mais visível, “na cultura indígena Kaingang os brinquedos e brincadeiras além de ser próprio da infância, são grandes fontes na transmissão dos saberes” (Luiz, 2015, p. 20). Dessa maneira, observa-se que os alunos das escolas indígenas precisam ter em seu currículo a oportunidade de serem envolvidos em atividades lúdicas, garantindo que as escolas possuam espaço e material didático para o desenvolvimento das brincadeiras.

O estudioso e pesquisador Vygotsky (1920), foi um dos primeiros teóricos modernos a afirmar, nos anos de 1920, que o lúdico através das brincadeiras desempenha um grande papel no desenvolvimento dos alunos e na aprendizagem da cultura, levando em consideração que a imitação é um processo dinâmico que contribui sobremaneira para a aprendizagem.

Todos conhecem o enorme papel da imitação nas brincadeiras das crianças. As brincadeiras infantis, frequentemente, são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. As brincadeiras da criança não são simples recordação do que vivemos, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios da criança (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

Nesse sentido, a brincadeira é uma instância fundamental de desenvolvimento na infância e na educação infantil sendo de inteira importância para os alunos, pois, como continua Vygotsky (1984):

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento, sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (p.117)

Se partirmos do princípio de que as crianças aprendem brincando é possível observar que os jogos tradicionais das nossas comunidades são relevantes no processo de aprendizagem, não apenas nos conhecimentos escolares, mas os conhecimentos tradicionais para os indígenas e para a escola.

Conforme os estudos de Ferreira, Vinha, Fassheber, Tagliari e Ugarte (2005), eles descrevem:

Os jogos tradicionais indígenas são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e, portanto, congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras e estratégias. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores. Não existe necessariamente ganhadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiências que são incorporadas pelo grupo e pelo indivíduo. (p. 35).

Dessa forma, como descrevem os autores acima, pode-se notar que os jogos indígenas estão repletos de atividades que buscam o movimento corporal, muitas por meio do lúdico, onde se permeiam valores culturais, os mitos que requerem um aprendizado específico de habilidades motoras e estratégias que buscam o desenvolvimento dos alunos e o ensino e aprendizagem.

WAJSKOP (1991: 35), diz:

[...] a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação, imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Existem vários povos indígenas e dentre eles várias formas de ensino e aprendizagem, mas elas se assemelham quando utilizam o lúdico como forma de ensino. Na cultura Guarani Nhandewa, os caciques (*txamói*, *ivyraidja*) demonstram o papel da mediação dos adultos na aprendizagem da criança e a importância do brincar, o *nhemboarai* e relatam que muitos dos jogos eram feitos pelos mais velhos da tribo Guarani, os professores Teodoro Tupã e Carlos Cabreira descrevem que:

Muitos dos brinquedos eram feitos pelos mais velhos, enquanto a criança observava atentamente o processo. Nos relatos, observa-se que a ‘peteca de palha de milho’ era uma brincadeira de meninas; o ‘arco e flecha’, uma brincadeira de meninos com mais de oito anos; o ‘esconde-esconde’, uma brincadeira tradicional com variações, em que um adulto esconde um pedacinho de vara ou faz um sinal em determinado lugar, árvore ou chão, e as crianças têm que encontrá-lo. Nesse jogo, há diversas regras que precisam ser seguidas, como a divisão por idade e sexo. Para o professor Teodoro Tupã, “[...] todo jogo é relacionado à cultura. Através do jogo a criança aprende a regra da cultura (Tupã, 2012, p. 3).

Com isso podemos afirmar que os jogos culturais estão presentes nas nossas vivências, tanto cultural, quanto na educação escolar da comunidade. Há uma relação do lúdico com os jogos culturais, que envolvem as crianças, jovens e adultos que são práticas passadas de geração para geração.

De acordo com nossa tradição, são buscadas diferentes formas de ensinar o lúdico, onde são realizadas atividades para brincar, como metodologia de aprendizagem acima dos projetos que são elaborados através das vivências e brincadeiras da aldeia.

E nesta pesquisa foi construído instrumentos a partir daquilo que foi vivido na comunidade, e optamos por ouvir narrativas da comunidade² sobre a memória do brincar em diferentes gerações, assim como os mais velhos ensinam os mais novos traduzem essas brincadeiras no seu brincar cotidiano.

A história da escolarização indígena no Brasil, de acordo com Capado (1995), mostra-nos que ao longo dos cinco séculos desde a criação da primeira escola para indígenas, que a concepção de escola indígena nem sempre foi pautada para questões hoje consideradas relevantes, como diferença, diversidade, identidade e autonomia.

² As narrativas que ouvi da comunidade não aparecem aqui como discursos escritos pois serviram em um primeiro momento para dar forma aos meus objetivos e intenção da pesquisa.

3 CAPÍTULO: MINHA COMUNIDADE, MINHA IDENTIDADE

Nessa parte do trabalho quis trazer o retrato da aldeia Hakti Jökri, pois para mim é de suma importância, mostrar nesse estudo um pouco sobre a minha cultura e a comunidade que pertence: a aldeia Hakti Jökri.

A força da resistência do meu povo gavião se baseia através da tradição cultural que acumulamos durante muito tempo, que nos foi passada através dos anciões, a partir dos nossos cantos, danças, costumes e a nossa língua que hoje sofre uma perda de falantes fluentes, temos os mais velhos que são os principais falantes e são a principal representação de resistência dos povos gavião Akrätikatêjê, Kyikatêjê e Parkatêjê que vivem hoje.

A educação Escolar indígena deve ser específica e intercultural, devemos entender que nossos saberes e conhecimentos étnicos presumem a uma reafirmação de identidade que interagem com nossas tradições e memórias históricas relacionando aos saberes dos não indígenas.

E assim entre tantas lutas que os povos indígenas vêm em sua vida histórica, seus direitos a educação escolar também vêm se resumindo a isso. A educação escolar indígena vem enfrentando dificuldades na estrutura, por meio disso os instrumentos para o ensino acabam sendo relevantes por essas faltas que são nossos direitos. E as lideranças da aldeia estão sendo o ponto importante para benefício da nossa estrutura, com apoio.

E nossa bastante atenção é a presença dos mais velhos na Escola, eles são nossos saberes étnicos para a nossa educação indígena, e a escola está sendo uma linha de ensino para que eles possam ser alfabetizados desde a assinatura dos seus nomes ao ensino bilíngue para nossos jovens.

Os *meprekre*³ são falantes natos, hoje buscam aprender o ensino da língua portuguesa para entender o mundo dos *Kupê*⁴, para se defenderem da sociedade. E essas elaborações do projeto em sala, nas aulas para produções de materiais pedagógicos específicos, para ser utilizados nas salas de aula e para reelaboração de novos materiais, são iniciativas das escolas indígenas para buscarem como um apoio para o ensino escolar indígena.

³ Velhos

⁴ Não indígena

3.1. Apresentação do retrato da aldeia Hakti

O nome da aldeia *Hakti Jökri*⁵, porém há moradores de outras etnias e *KUPÊ*⁶ que fazem parte desta comunidade.

A comunidade tem pouco tempo de cisão, aproximadamente vinte e cinco famílias em um total de 100 pessoas, todos fazendo história nesse início de comunidade passando pelo impacto de estruturação e suas moradias.

A comunidade *Hakti jökri* tem como cacique *Xapramti Jorunti Kuwexere* e mais duas lideranças que fazem parte para administrar a comunidade, para organizar a demanda de sua estrutura.

O ponto da escolha do local foi pensado e conversado com eles no pensamento sobre água corrente para todos, a escolha foi adquirida e houve a mudança onde a aldeia deu início em 2017, tendo hoje casas, escola e igreja. Abaixo segue uma sequência de fotos da nossa comunidade e as explicações de cada local:

Imagem 1- Localização da aldeia Hakti jökri.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁵ Povo gavião

⁶ Não indígena

Na imagem acima, mostro um pouco da aldeia que ainda está sendo organizada, em questão de estruturas e saneamento básico. Temos a Roça que se encontra adentro da mata da aldeia, a farinheira e um rio que passa ao redor da reserva.

A escola se encontra ao lado da castanheira que de início foi escolhido para ser construída, com bastante significado, por nome *PÀRXÔPÁR*, onde *PÁRXÔ* significa castanheira que dá frutos, *PÀRXÔ HY* significa o fruto. Na comunidade indígena tem muitas coisas que tem bastante significado para todos nós.

Imagem 2 - Localização da aldeia Hakti Jökri



Fonte: Arquivo pessoal da autora

São muitas observações sobre os livros didáticos que se encontram para o ensino da escola, pois não possuem a realidade que vivemos. Queremos pôr em prática o ensino que se encontra nos materiais didáticos, mas usando as propostas de materiais que mostram a realidade da vida intercultural de cada aluno.

É no ‘como se’ da brincadeira/jogo que a criança busca alternativas e respostas para as dificuldades E/ou problemas que vão surgindo, seja na dimensão motora, social, afetiva ou cognitivas. E assim que ela testa seus limites e seus medos, é assim que ela satisfaz seus desejos. É assim também que ela aprende e constrói conhecimentos, explorando, experimentando, inventando, criando. Em outros termos, é assim que ela aprende o significado e o sentido, por exemplo, da cooperação, da competição, é assim que ela explora e experimenta diferentes habilidades motoras, que ela inventa e cria novas combinações de movimentos, é assim que ela inventa e cria novas combinações

de movimentos, é assim que ela consegue reconhecer valores e atitudes como respeito ao outro etc. Sommerhalder e Donizete, 2013, p. 13)

Nesse sentido, a escola se apresenta como um lugar que a comunidade indígena busca interagir e dialogar com as temáticas relacionadas a sua vida na aldeia e fora dela, servindo como base de instrução e garantindo o fortalecimento do modo cooperativo da cultura, e por meio do lúdico é possível estar desenvolvendo habilidades com os alunos.

A escola possui um papel fundamental pois neste contexto, os alunos indígenas desde muito cedo na escola e no ambiente familiar aprendem a reconhecer formas, figuras, tipos de pinturas, objetos, quantificar, fazer conexões entre saberes matemáticos e divisão, ordenar, classificar e elaborar estratégias para resolução de problemas, é um dos meios que as escolas indígenas da TI Mãe Maria em nossa compreensão, devem utilizar para desenvolver habilidades e por meio do lúdico que está muito presente na cultura indígena tanto em nossa aldeia, como em todas do nosso Território.

D' AMBRÓSIO (2005) diz que:

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à cultura. (, p. 22).

Por essa afirmação acima e pela vivência de nossas comunidades entendemos que os alunos indígenas têm na brincadeira uma forma de aprender variadas atividades do dia a dia de seu povo, sendo o lúdico uma ferramenta de ensino e aprendizagem que auxilia os sujeitos a desenvolver a solidariedade. Quando uma criança ganha algo, logo reparte com as demais crianças de seu meio, para compreender aos poucos como funciona e é organizado o mundo em que vive.

3.2. A luta pela escola na nossa comunidade

Em relação a luta pela escola no momento da cisão da nossa Aldeia foi realizado através de um acordo das lideranças das referidas Aldeias, na presença da 4ª URE e do ministério público, foi feita a divisão dos professores, indo para a Escola Indígena Kôjipokti da nova Aldeia Hakti jökri, 16 Professores, sendo 7 Indígenas e 9 não indígenas.

Então, em setembro de 2017, deu início as atividades escolares na nossa nova Aldeia, e como ainda estava no início de implantação, não disponibilizavam ali estrutura alguma, sendo que a preocupação dos pais dos alunos era com a Educação Escolar, uma vez que os alunos tinham completado o 1º semestre com boas notas, por sua vez o comprometimento de todos neste momento era não deixar os alunos prejudicados, afastando o temor em perder o ano letivo.

O corpo docente realizou com os alunos e os pais um trabalho em forma de mutirão, da limpeza de um espaço as sombras de árvores, onde começaram as aulas, em bancos e mesas feitos pelos próprios professores com a ajuda de alguns membros da comunidade, e com quadros brancos doados por outras Escolas do município de Bom Jesus do Tocantins/PA.

Com o tempo perceberam que não seria possível continuar com as aulas naquele local, pois surgiam muitos animais perigosos como cobras e insetos, além de ouriços de castanha que estavam começando a cair da castanheira que disponibilizava a maior sombra do espaço da improvisada escola.

Somente no mês de dezembro de 2017 já finalizando, o ano letivo que foi instalada a energia elétrica na comunidade, dessa forma seria possível trazer a escola para centro da aldeia. Iniciou-se então a construção de uma imensa estrutura de peças de madeira, com capacidade de pelo menos oito salas de aula e uma secretária para o funcionamento da escola, porém, não pôde ser finalizado, devido ao maior período chuvoso dos últimos anos e com as fortes chuvas, que além de cortar estradas e engolir a bueira do igarapé que dá acesso a aldeia, alagou algumas casas e a estrutura de madeira onde seria a escola.

Com isso houve mudanças sobre o local da escola, inclusive aconteceu mudanças de algumas casas próximas da estrutura de onde seria a escola, devido a água ter chegado até essas casas neste período de chuvas, se trata da parte mais baixa da aldeia, além de ficar mais próxima de um dos braços do rio Jacundá que aumenta muito o volume no período de inverno, uma vez que, ainda não havia completado nenhum ano que estávamos neste espaço, portanto desconhecíamos ainda alguns desses aspectos.

Diante disso, com o início do ano letivo de 2018, ainda com o forte inverno em nossa região, optou-se em fazer barracas no centro da aldeia, as quais serviriam de sala de aula por um período provisório, contudo, os alunos, os professores e a comunidade de uma forma geral gostaram das barracas como sala de aula, sendo que ficaram bem localizadas, seguras e em forma de aldeamento no centro da aldeia, melhorando a interação e integração da escola com

a comunidade, facilitando o processo de ensino e aprendizagem, melhorando a pontualidade, a frequência, a participação e a assiduidade dos alunos, uma vez que há um contato direto e mais aproximado entre a escola e as famílias, que agora participavam mais da vida escolar de seus filhos.

Ficou decidido que seriam usadas as barracas como sala de aula e as turmas de Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio, neste primeiro momento funcionariam no período diurno, pois ainda não foi possível fazer a instalação elétrica adequada, até tentaram realizar aulas no período noturno, mas não houve aprovação dos alunos, alegavam que as lâmpadas não iluminavam o suficiente, a rede elétrica não suportar a carga de energia “puxada” através de extensão elétrica com fios inapropriados da casa de um dos moradores.

Quanto às questões legais da escola, desde o ano de 2018 a Escola Indígena Kôjipokti, da Aldeia Hakti jökri protocolou toda documentação necessária para a sua criação junto a Secretaria de Estado de Educação-SEDUC. Abaixo segue mais uma sequência de fotos da nossa comunidade e as explicações de cada local, como forma de situar os leitores sobre nossa cultura e modos de vida, com destaque para os espaços de atividades da escola da comunidade em que vivo.

Imagem 3 - Localização do Colégio Hakti Jökri em 2017



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 4 – Atividades pedagógicas no início da construção da escola no ano 2017



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A professora- não-indígena da imagem 4 e a Marta Queiroz Franco Gonçalves na área da Educação Infantil, maternal I e II e Jardim I e II. Sua formação é licenciatura em Pedagogia e pós-graduação em Educação Inclusiva.

Imagem 5 – A Escola no ano 2017



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 6 – Professora Vanicia Lopes Melo do ensino fundamental séries iniciais (2º ao 5º ano)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 7 – Espaço de sala de aula da escola no ano 2021.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A professora da imagem 7 é Maria Oneide Alves da Silva, trabalha com Alfabetização e no 4º ano, sua formação é em Pedagogia e em Letras/Língua Portuguesa.

Imagem 8 – Sala de aula da Escola no ano 2021.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 9 – Sala de aula da Escola no ano 2021.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A professora da imagem 9 é Leonice Barros Gavião atua na área do Ensino Médio, sua formação em Licenciatura Intercultural Indígena ele é a professora responsável da Escola Kôjipokti.

Imagem 10 - Localização da Cozinha da Escola no ano 2021.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 11 – Vista da Escola no ano 2021



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagem 12 – Eu realizando a entrevista com a Professora do Jardim I E II.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

De uma forma geral a partir destas fotos apresentadas, podemos ver através das imagens um pouco do histórico da trajetória da luta da comunidade pela escola, pois para nós a educação escolar indígena se traduz em nossas experiências, tendo muita significância, [...] os arranjos legais que permitiram a criação das categorias escola indígena, professor e professora indígena, viabilizaram e ampliaram experiências educacionais que levavam em conta especificidades culturais e melhoria das condições de vida locais. (ABBONIZIO, Aline; GHANEM, Elie. 2016, p. 889).

Entretanto as autoras Aline Abbonizio e Elie Ghanem, focam na relação que a escola e comunidade indígena aspiram ao futuro das pessoas que fazem parte da comunidade. No caso a Escola Kôjipokti, vem buscando pôr uma educação escolar indígena, como apoio para firmar seus direitos e buscar suas conquistas através da sua regência junto com a comunidade.

Na escola sempre é feito uma adaptação do calendário escolar da sede, que segue o calendário escolar proposto pela Secretaria de Estado de Educação do Pará no planejamento

interno da Escola há um esforço de contextualizar as aulas de acordo com a Realidade da aldeia Hakti jökri.

Na minha aldeia existe uma grande participação dos professores nas brincadeiras culturais, participam de forma ativa levando elementos fortes para a sala de aula. Percebe-se uma valorização dos conhecimentos tradicionais da comunidade indígena de forma integrada aos conteúdos propostos na grade curricular da sede⁷.

Desde que a escola foi instalada na nossa nova aldeia, em 2017 por nome Kôjipokti, vem fazendo adaptações em espaços para uma melhoria, priorizando o ensino bilíngue, fortalecendo a cultura e com métodos de jogos educativos culturais, os professores indígenas trabalham com os professores não indígenas usando saberes voltados dentro da cultura e da comunidade.

São funções próprias dos indígenas, que os professores KUPË adaptam e atuam em salas de aula, contando suas narrativas com objetivos de mostrar reflexões aos alunos em vista do futuro da comunidade, apoiando a educação diferenciada para combater seus direitos e lutando por uma educação de qualidade.

E em natureza tivemos a experiencia de experimentar a educação de forma harmoniosa, e tudo se torna significativo para nós povo gavião. Dando sentido a uma castanheira, de forma simbólica ao território educacional. Então a cultura é algo essencial para a comunidade Hakti e socialmente falando por outros meios de comunicações para um centro de resistência. A educação indígena deve estar no desenvolvimento total para a pessoa aprender a elaborar pensamentos autônomos e críticos, formulando os seus próprios valores, frente a diferentes circunstâncias da vida.

3.1. Os jogos lúdicos para os alunos da escola Kôjipokti

Os jogos para o povo Hakti possuem características lúdicas, por onde passam seus mitos e valores culturais da Terra Indígena Mãe Maria, assim as brincadeiras precisam de um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégicas, representações constantes, construções identitárias e o reconhecimento de uma tradição. Abaixo uma imagem para ilustrar nossas afirmações.

⁷ Esses elementos pude pessoalmente verificar nas visitas que realizei quando do início do Projeto de TCC.

Imagem 12 – Aluno da Escola Kôjipokti



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Se tornando como objetivo, o divertimento (brincadeiras), atividade voluntária, satisfação da própria realização, atividades praticadas em tempo livre tornando a obrigação apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como ritual, a sistematização de uma ordem estabelecida pelas próprias leis que o compõe, assim apresentamos a descrição dos jogos mais praticados na TI Mãe Maria, seguida de imagens dos alunos que foram autorizadas oralmente por seus familiares.

Corrida de tora: krowa taihê

A corrida de tora é ligada a todos os rituais, realizada por frequências é disputada entre duas ou três turmas, correspondente a cada cerimônia. São realizadas diariamente com toras de coqueiro babaçu ou de sumaúma, de acordo com a fase do ciclo cerimonial e todas pintadas de urucum. Ao chegarem ao pátio, os corredores são banhados pelas mulheres, que em geral costumam estar presentes só final da corrida.

Imagem 13 – Aluna da Escola Kôjipokti



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Arco e flecha: kuhê mẽ krowa

Os jogos de flechas são práticas que acentuam uma competição de modo ritualizado. Nas ocasiões cerimoniais, os jogos de arco e flecha consistem em competições realizadas no decorrer do dia, após a corrida de toras, quando se dirigem para um local na mata, chamado de acampamento pelos anciões. As vezes os jogos de flechas são realizados em frentes das casas, até o final da tarde, onde grupos formam pares de acordo com seu grupo cerimonial.

Imagem 14 – Alunos da Escola Kôjipokti



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Corrida de varinha: akô atihê

A corrida de varinha é realizada da mesma forma da corrida de tora, é velocidade, ginga no corpo, vingança.

Jogo de peteca: Apykrã

O jogo de peteca é uma competição de dois grupos: Arara e Gavião. Nesse jogo também entra as comadres para tirar a peteca do jogador. As vezes o jogador pode estar cansado ou com o pescoço rejeitado, aí vem o cuidado das comadres. Na cultura as mulheres só não participam do jogo de peteca.

4 CAPÍTULO A PESQUISA E SEU CAMINHAR

Essa pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, pois buscamos realizá-la em estreita associação com as situações da realidade que investigamos, por isso seu desenvolvimento se deu primeiramente a partir do levantamento do referencial teórico em livros e artigos científicos sobre o lúdico buscando alcançar autores que refletem a realidade crítica sobre o uso do brincar enquanto alternativa de ensino voltado ao desenvolvimento e aprendizagem das potencialidades dos alunos na escola.

O segundo procedimento delimitado com minha orientadora seria a observação participante em apenas uma comunidade da TI, onde iríamos observar e registrar em diário de campo os jogos e brincadeiras utilizados pelas professoras das turmas da educação infantil nas classes de jardim II. Após essa fase iríamos analisar as informações encontradas através da observação participante e procederíamos com a sistematização das informações registradas no diário de campo para em seguida procedermos a análise interpretativa.

Entretanto, diante ao período do COVID 19, onde houve enfrentamentos que a nossa saúde pode passar, com a contribuição de alguns agentes de saúde da Secretaria especial de saúde indígena, onde os mesmos que residem na comunidade e faziam parte como agente indígena de saúde e os agentes indígena de saneamento básico, tivemos atenção da Fundação nacional do índio para prevenção e cuidados durante a Pandemia.

Esse fenômeno que o mundo todo viveu trouxe mudanças também em nossa Pesquisa de Campo, pois a Terra Indígena mãe Maria no início, fechou os portões para devidas prevenções, conscientizações sobre o uso de máscaras e álcool em gel ao sair para fazer compras e evitar ao máximo de saídas das comunidades.

Na comunidade HAKTIJÕKRI, os portões foram fechados no mês de maio de 2020. Proibindo a entrada de pessoas de outras comunidades e os não indígenas que moram na zona urbana. No mesmo período de maio, os professores foram dispensados por um tempo indeterminado, por medidas de prevenção aos idosos da comunidade.

Em junho de 2020, a comunidade HAKTIJÕKRI, foi acampar na beira de um rio. Em escolha da localidade, foi acampar na mata chamada “Gavião assado” nome dado pelos mais velhos, pois faziam acampamento e matavam gavião e assavam para se alimentar. Nesse período

veio a perda de uma indígena anciã de outra comunidade. Foi uma grande tristeza na Terra Indígena Mãe Maria, pois todos prezam muito o velório na cultura, com cantos de maracá e dão o último adeus em cima do corpo. Mas com as orientações de distanciamento o caixão ficou dentro do carro da funerária, e houve passagens por todas as aldeias da Terra mãe Maria que se encontravam seus familiares.

Já durante o mês de dezembro de 2020 houve uma média de 90% de pessoas que testaram positivo na comunidade HAKTIJÕKRI. Foi um susto para todos, duas pessoas ficaram muito mal e os atendimentos com a Doutora Renata foram a mil, muitos se isolaram dentro de suas casas.

Tivemos um final de ano muito conturbado, uma de nossas lideranças foi direcionado para a UTI gravemente por sequelas do COVI-19. Passamos dezembro com sentimentos de medo, depressão, pensamentos confusos. Entre esses últimos dias do grande ano, tivemos uma perda na TI Mãe Maria, conhecida como TOKRYRE, que residia na aldeia PRINTPAR. Testou positivo e foi direcionada para a emergência, levando para a UTI no hospital UNIMED. Foi um dia que amanheceu nublado, os familiares em desespero e todas as 19 aldeias assustadas, com mais uma perda.

Em seguida, tivemos a perda do nosso cacique Kuwexere, que lutou por sua vida em meio à covid 19, essa perda ocasionou a nossa aldeia em muita tristeza, pois ele era um homem muito sábio e cheio de ensinamentos. Não poderia deixar de citar novamente aqui uma de suas frases “essa árvore nunca vai morrer” e assim ele deixou seu legado.

Após estes e tantos acontecimentos sobre o decorrer da minha vida, em combinação com minha orientadora fizemos algumas mudanças nos encaminhamentos da pesquisa de campo, a metodologia seria promover a atenção ao saber brincar na cultura, mais de forma objetiva e pedagógica, verificando através de entrevistas com as professoras de escolas diferentes da TI Mãe Maria que se dispusessem a participar. Assim seguimos e realizei as entrevistas, coletei as fotos, as entrevistadas que colaboraram nos trouxeram bons aprendizados.

Realizamos as entrevistas com 4 professoras, destas 2 eram professoras indígenas e 2 professoras não indígenas, todas atuantes em escolas da TI mãe Maria. No próximo tópico compartilhamos os dados da pesquisa.

4.1. OS DADOS DA PESQUISA

De acordo com os dados coletados a partir das entrevistas com as professoras⁸ que se dispuseram a responder os roteiros de entrevista, apresentamos primeiramente o perfil delas.

A professora A, não-indígena fez sua formação acadêmica na Universidade Estadual do Estado do Pará e atua na educação básica desde 2015. Atualmente exerce a função de professora na E.E.E.F.M. Peptykre Parkatêjê. A mesma informa que não recebeu nenhuma formação continuada para trabalhar em uma escola indígena. A Professora A, disse que chegou ao cargo de professora quando ainda tinha somente o ensino médio, já passando a trabalhar na educação indígena e relatou que há sete anos atua na educação básica.

Já a professora B é indígena e mora na aldeia akrôtikateje e atua na Escola Indígena estadual de ensino infantil fundamental e médio Akrôtikateje, é formada pelo curso de licenciatura intercultural indígena, ofertado pela Universidade Estadual do Pará. Essa licenciatura, foi uma das primeiras turmas ofertadas para essa região e principalmente ela foi ofertada ao povo Gavião, mais que foi se ampliado para o povo Aikewara que também é conhecido como Suruí. A professora iniciou seu trabalho como professora em 2019.

A professora C, não indígena, trabalha na Escola indígena de Ensino Fundamental e Médio *PEP TYKRÉ PARKATEJE*. Localizada, na aldeia Parkatêjê. Formada em geografia, história e psicopedagoga. Atuando há 23 anos na educação básica e está trabalhando na escola *PEP TYKRÉ PARKATEJE* há cinco anos.

A professora indígena D, atua na Escola Estadual Indígena de Ensino Infantil, Fundamental e Médio Kôjipokti, localizada na aldeia Hakti Jökri, é formada em licenciatura em pedagogia, com pós-graduação em Educação Inclusiva. Leciona há 19 anos.

No quadro a seguir apresentamos os dados das entrevistas referente as questões que foram formuladas a partir dos nossos objetivos onde almejamos principalmente descrever e analisar como as brincadeiras indígenas são utilizados como método no ensino e aprendizagem com os alunos indígenas de escolas da Terra Indígena Mãe Maria.

Abaixo, apresentamos primeiramente os dados da entrevista com os professores não - indígenas:

⁸ Vamos apresentar as professoras usando letras para seus nomes preservando assim suas identidades.

Quadro 1 - Apresentação dos dados da entrevista com as professoras não - indígenas:

Questões	Relatos
<p>1. Sabemos que o lúdico é algo que estimula as crianças através das fantasias, do divertimento e das brincadeiras. Quais são as formas Lúdicas que você usa no desenvolvimento na sala de aula com sua turma?</p>	<p>Professora A: “Bom na minha turma eu utilizo muitas brincadeiras né, brincadeiras indígenas, brincadeiras também dos cantos, das parlenda, dos faz de conta, nos todos utilizamos né o lúdico e muito assim, brinquedos também feito com sucata que eles mesmo fazem é bola de papel que a gente faz, aviãozinho de papel, e corda. Então nos utilizamos tudo isso e através dessas brincadeiras lúdica, nos ensinamos de uma maneira prazerosa que a criança goste e fiquei feliz e aprendia né, as cores, os números, a gente brinca amarelinha com os números, as formas geométricas, a gente pula no chão, eles pintam. Então sem o lúdico a gente não vive dentro da educação infantil e até a gente pode usar nas outras series também. Então eu utilizo muito, todos os dias é utilizado na minha turma.”</p> <p>Professora C: Nos usa muito o canto, o conto né de lendas, os mitos. Então isso é a forma que eu achei de trabalhar história né, pra atrair mais a atenção dos meus alunos é através da música, do conto, dos mitos né, então isso ajuda muito, pra atrair um pouco mais a atenção deles, né pra uma aula bem mais dinâmica. Além disso uso com minha turma, roda de conversa né, a gente convida sempre um ancião da aldeia, pra tá contando né a história de vida de cada um deles e isso é muito bacana porque eles conseguem interagir muito bem com a aula.</p>

Questões	Relatos

<p>2. Como surgiu interesse para entrar como docente na educação indígena?</p>	<p>Professora A: Bem o interesse surgiu com um convite né, eu fui convidada pra trabalhar na aldeia, pra ser de um aluno que era deficiente na época. Eu estagiei três meses, e depois de três mês, aí eu recebi o andamento né da contratação né, demorou mais seis mês pra vir meu contrato mais o interesse surgiu com o convite, aí eu fui convidada, gostei do lugar. Eu já conhecia a aldeia, porque eu tinha um trabalho missionário na primeira vez que eu vim morar aqui, que eu sou de Belém quando eu vim morar em morada nova, a primeira coisa eu fiz foi visitar a aldeia com obra missionaria, na época eu já gostava, só não fiquei porque eu ainda não tinha nível superior, ai eu fui estudar, eu era professora, mais não tinha nível superior, ai fui estudar pra entrar né, que a menina falou que a condição tinha que ter nível superior, ai eu já tinha recebido os convite antes, sempre foi por convite, através de convite que eu entrei pra dá aula.</p> <p>Professora C: na verdade, como professora de história né, eu sempre tive essa vontade né de dá aula na aldeia, pra eu saber conhecer a cultura, porque é totalmente diferente do que a gente ver nos Livros, dos brancos. Então, eu fiquei maravilhada quando surgiu a oportunidade, eu não pensei duas vezes, em deixar meu currículo lá, e graças a Deus fui selecionada e estou muito feliz, muito feliz mesmo. Por tá trabalhando no lugar, sempre tive desejo de trabalhar e vontade mesmo de trabalhar, estou muito realizada. Como professora de história, não tem coisa melhor.</p>
--	---

Questões	Relatos
<p>3. Você já fez ou está fazendo alguma formação continuada para trabalhar na modalidade da educação indígena? Em caso positivo, o que você aprendeu sobre jogos e brincadeiras na cultura indígena?</p>	<p>Professora A: Atualmente não estamos fazendo formação, mais já fizemos outras vezes né e o que nós estamos aprendendo no lúdico na cultura indígena, ela, a cultura dela em sim e tudo voltada, ela tem o lúdico né, por que tem a corrida, tem muitas modalidades de corrida né, aonde a criança aprende as coordenações, onde aprende o movimento corporal, também temos corrida de varinha, então temos cabo de guerra, tem várias brincadeiras indígenas aonde as crianças aprendem</p>

	<p>muito, uma cultura muito rica é falando do lúdico, e falando também da aprendizagem, e uma cultura onde a criança aprende muito. Nós temos muito lúdico na cultura indígena, nas suas atividades. E as formações, nós fizemos, mais as formações não abrange muito a, nem a educação infantil, nem o fundamental, ela é mais voltada pro ensino médio né, aonde todas as formações falam mais em ensino de história, essas coisas, mais não é voltada muito. As formações indígenas, não é voltada muito pra educação infantil, muito, não tem. Então assim eu acho até que nos deveria reivindicar é formação para o departamento de criança, departamento infantil, é a educação infantil né a fundamental até a terceira série, pra ter formação porque é muito enriquecedor, porque nós temos muitas crianças nas aldeias né, e eles não tem essa preocupação com ensino fundamental maior e médio, essa é mais a preocupação dele, não tem formação voltada pra educação infantil, não tem, nunca participei.</p> <p>Professora C: na verdade, nós temos professores Bilingue né, então tem uma professora, chamada Jõpramre, que ela nos dá aula né pra que a gente possa entender, um pouco melhor a cultura né. E com relação aos jogos né é interessante porque com esses jogos, a forma como eles brinca lá na aldeia, por exemplo corrida de varinha, corrida de tora, cabo de guerra. A gente ver que eles sabem trabalhar em equipe, eles não têm dificuldade nenhuma, de trabalhar em equipe e isso é muito importante, eles levam muito a sério né as brincadeiras né, e interessante eles conseguem trabalhar em equipe né, não tem nenhum atrito, eles se juntam, eles mesmo se agrupam e aí começa a brincadeira. Então isso é muito bacana, eles conseguem interagir muito bem entre eles, sem nenhum tipo de problema.</p>
--	---

Questões	Relatos
<p>4. Quais as metodologias e materiais didáticos são usados em sala de aula?</p>	<p>Professora A: Bem, a metodologia que eu uso, nós usamos a metodologia toda voltada para a cultura, então nós usamos uma metodologia bem diversificada, porque a aldeia ela é bem rica em materiais pra nos usarmos essa metodologia voltada para a cultura, nos também de acordo com a BNCC, nós temos os campos da experiencia né, que é o campo das experiencia que é o eu, o outro nós, corpo, gesto, movimento, traços, sons, cores e forma, esculta, fala, pensamento,</p>

imaginação, espaço, tempo, quantidade de relações e transformações. Esse campo de experiência nós usamos na educação infantil né, e usamos e praticamos eles todos os dias. Os materiais didáticos também são diversos, nós usamos, todos os materiais que as crianças têm que usar, é tinta guache, lápis de cores, papel que pron, barbante, é pra cortar, é tesoura sem ponta né, muita cola, muita tinta guache, cola nós usamos. Nós usamos também os espaços na aldeia que é a prainha, o rio que tem lá né, a areia. Nós usamos os passeios aqui na aldeia, nossas brincadeiras, voltada toda, tudo é lúdico né. Onde nos aproveitamos todo o momento que a criança tem, tudo nos ensinamos nas corridas de varinha, pula corda, na corrida de tora e todos os materiais, nós usamos, vivenciamos né, na nossa rotina do dia a dia. Nós usamos brincadeiras, então materiais que nós usamos didáticos, são diversos, muito diversos, diversificado e a metodologia, também quando a criança está aprendendo as letras a gente está usando método sintético que começa da parte para o todo, ou seja, começa da letra, depois nós passamos pra palavras, e se o aluno desenvolver bem a gente passa para frase. Tanto eu uso também na terceira serie né, que eles já estão na sílaba, aí palavras, formação de frase e depois construir o texto está, então a nossa metodologia é muito diversificada, onde nos utilizamos os métodos, estudamos e fazemos a multidisciplinaridade, a pluralismo, então a gente faz a interdisciplinaridade também, então nós somos muito ricos né, porque nós temos muitas coisas é para usar aqui na aldeia, e as experiências e os estudos, então se torna uma aula rica.

Professora C: Nos utilizamos em nossas aulas, livros didáticos né claro, nós temos o nosso acervo de livros, nós temos o livro que conta um pouco da história do capitão que é o cacique, foi quem veio primeiramente pra cá, né, que abriu a reserva Mão Maria e aí a gente trabalha dessa forma, com esses livros, né, a gente trabalha com teatro, a gente trabalha com canto, com a dança né, então isso é tão importante, isso é muito bacana, tá se trabalhando dentro de uma comunidade indígena, dentro de uma floresta muito bonita, aonde você pode trabalhar ao ar livre com essas crianças, com esses jovens, nós temos toda a liberdade na escola, a escola nos dá essa liberdade e por isso que as vezes as pessoas dizem que a escola indígena é uma escola diferenciada exatamente por isso, porque você tem liberdade com o aluno inserindo ele no meio ambiente, né a gente vai pra mata, a gente faz aquela busca de coleta, de fruto, do plantio, da pesca, então tudo isso tem uma parceria com a comunidade, então isso é muito importante porque a escola consegue interagir muito bem com a comunidade e vice e versa.

--	--

Questões	Relatos
<p>5. Quais e quantas brincadeiras da cultura indígena você conhece? Como você brinca com as crianças na sua sala de aula?</p>	<p>Professora A: Bem as brincadeiras indígenas eles brincam constantemente na escola, na educação infantil nós temos que ter as brincadeiras todos os dias, nos brincamos corrida de varinha, corrida individual, as corridas de tora pequenininha né, então eles gostam muito dessas brincadeira, que envolve corrida, movimento do corpo, então também de imitar os animais, os barulhos dos animais, também fazemos muito na sala de aula e também nos fazemos as brincadeiras é da cultura e o que nós aprendemos aqui e a que mais a gente convive é com essas e eles gosta muito da brincadeira de bola né, não é cultural mais já está envolvido com eles, mais as brincadeiras cultural são diversificada mais a que nós fazemos são essas.</p> <p>Professora C: Nós temos um cronograma na escola que a gente, nossos horários de aula. Então na sexta feira a gente tira sempre pra aula de cultura, então nessa aula de cultura, dentro das brincadeiras na aldeia, nós temos o cabo de guerra, então a gente junta essas crianças e vamos brincar com o cabo de guerra, a gente brinca de correr varinha, a gente brinca da corrida de tora que é algo muito forte, que é muito forte na cultura do povo Parkatêjê, né do povo gavião, é a corrida de tora, com isso a gente já trabalha toda sexta feira a importância da corrida de tora, como é que se corre a tora, quando é que se corre a tora, quando é que se corre a varinha e ai dessa forma a gente vai entendendo e a gente vai ensinando para os alunos a importância destas brincadeiras dentro da comunidade indígena, então a gente trás isso para a escola e entra com essa parceria com a comunidade que ai entra os professores</p>

	<p>bilingues explicando qual a importância de cada brincadeira, daquela que eles estão brincando naquele momento.</p>
--	---

Questões	Relatos
<p>6. Para você qual a importância das brincadeiras indígenas para o aprendizado escolar das crianças?</p>	<p>Professora A: As brincadeiras indígenas elas são de suma importância para o aprendizado da criança, porque é uma convivência diária que ele tem, e nós temos essa fonte enriquecedora que nós podemos fazer na pintura indígena nós temos vários grafismos né, aonde nós podemos usar pra matemática, pra arte, nós temos a pintura corporal que tem as cores, que tem as frutas de onde elas são extraída, a gente pode dá ciências, então ela são de suma importância, nós temos animais das pinturas vem que é a parte de ciências, tem a parte da geografia onde a aldeia é localizada, história. Então é enriquecedor né, nós usamos a metodologia voltada para a cultura e também as matérias, a maneira de escrever tudo, voltada também para cultura, não deixando os outros conteúdos né, a gente integra os conteúdos é da cultura, entrega com os outros conhecimentos, porque nossas crianças indígenas aqui elas não isoladas da convivência extra lá fora, eles têm internet, eles têm celular, eles vive muito lá fora, nós usamos uma maneira integrada né, a cultura, o conhecimento, então é muito de suma importância como sair, ela tá inteirada ao nosso conteúdo.</p> <p>Professora C: A importância dessas brincadeiras e porque através delas a gente consegue trabalhar em equipe quando a gente vai trabalhar grupos de estudo dentro da escola, então como eles já conseguem trabalhar muito bem em equipe, então fica super bem fácil né, da gente trabalhar. Quando a gente vai trabalhar o teatro, quando a gente vai trabalhar a dança, né então tudo isso melhora muito, a partir dessas brincadeiras que eles gostam de brincar, né, como o cabo de guerra, varinha, a corrida de tora então isso facilita nessa questão de trabalhar em grupo, porque facilita nas questões de formar as equipes né para se trabalhar, então essas</p>

	<p>brincadeiras elas nos dá essa facilidade de trabalhar em grupo com eles e isso é interessante, por que a gente ver assim que como são crianças e adolescentes é muito fácil eles se dispersar, voltar a mente para outra coisa que chama atenção deles, mas quando a forma deles brincar, de estarem sempre interagindo junto, facilita muito na questão da formação dos grupos para trabalhar dentro da escola, para fazer seminário, e sempre muito bom nessa parte, por que eles tem essa facilidade de trabalhar em grupo.</p>
--	---

Questões	Relatos
<p>7. Você acha que a forma como essas brincadeiras culturais vem sendo utilizadas na escola pode determinar que elas funcionam como um método pedagógico? Por quê?</p>	<p>Professora A: Com certeza, elas podem ser utilizadas como método pedagógico, porque elas são enriquecedoras, são diversificadas, são conhecimento único, aonde a cultura ela não é um pedaço, ela é várias coisas onde nós podemos utilizar a cultura, a experiencia dos mais velhos, a convivência é como que eles foram criados e a permanência que eles têm da cultura indígena, a língua materna que vem com a oralidade das pessoas bilingue. Então assim é muito enriquecedor, e o método que nos utilizamos que é voltada para a cultura é muito diversificado em, porque se nos tem várias fontes, tem muitas fontes para nos usarmos, utilizarmos e fica uma aula muito gostosa. Nós tivemos uma aula que fomos para a pescaria, pro rio, ali a criança ela tá tendo contanto ali com o peixe né com o TÉP com a água, onde a gente, no momento que a gente está ali a gente está conversando com as crianças, elas tão no momento prazeroso e tão também, já estão aprendendo por causa que nós estamos conversando, eu como a professora da pré-escola da terceira série, eu aproveito todos os momentos né. E a gente escreve no chão, a gente pega um pau escreve no chão, escreve as letras, a gente utiliza areia, tudo que a gente vai usar, as pedrinhas, conta matemática, vai para o rio, tem vários animais, tem a cobra, tem o peixe, a gente diz qual é a letra da cobra, qual é a letra do peixe, já pega com a linguagem indígena né, da materna. Então a metodologia posso dizer assim que ela é bem diversificada, ela é enriquecedora para nós trabalharmos na aldeia, é enriquecedor nós temos muito conhecimento, nós temos as árvores, que temos contatos com as árvores, tipo de remédio, várias plantações. Então os animais, os animais então são enriquecedores que eles têm muita aqui os animais, então a gente</p>

	<p>usa o meio ambiente, a flora né, a fauna de uma maneira contato né, de uma maneira assim que eles estão em contato, e onde a gente diz “olha isso aqui se escreve assim”, isso aqui dá isso, a raiz está embaixo, as folhas, a raiz quando se alimenta. Então a criança ela aprende ali de uma maneira enriquecedor as informações ali, elas estão tendo contato concreto, entendeu, então é muito bom, então eu gosto muito é muito aproveitado, muito aproveitador mesmo</p> <p>Professora C: Elas podem sim, como um método pedagógico, porque através dessas brincadeiras, da cultura deles, então dá para se trabalhar sim como metodologia, a gente trabalhando os mitos, quando a gente trabalhar a música. Qual é o tipo de música? De que maneira é cantada tal música? Então tudo isso dá pra gente trazer pra sala de aula, trabalhar com aluno toda essa diversidade cultural que eles têm dentro da aldeia, uma cultura muito bonita que a gente sempre tem muitas coisas pra tá trazendo pra interagir dentro da escola, dentro da sala de aula, na matemática, na ciência, na biologia enfim em todas as disciplinas a gente tem sim como trabalhar a cultura indígena dentro do espaço escolar.</p>
--	--

A seguir, apresentamos os dados da entrevista com as professoras indígenas:

Quadro 2 - Apresentação dos dados da entrevista com as professoras indígenas:

Questões	Relatos
<p>1) Na escola em que você atua certamente há uma diferença das brincadeiras tradicionais e das brincadeiras não tradicionais. Especifique quais brincadeiras fazem parte da sua etnia e quais brincadeiras foram trazidas para sua aldeia, através dos Kupe (não-indígena) e que hoje fazem parte da vida de sua comunidade.</p>	<p>Professora B: “A trabalhar todas as brincadeiras culturais, os cantos, as danças, os rituais né. É... o corte do cabelo, a o nome tradicional. Então tudo é sobre a nossa cultura a gente passou a trabalhar, é... na nossa comunidade com os jovens, crianças, adolescentes né, para que não, não esqueçam e se não souber o que não sabem aprender. E desde então já surgiu há... a vontade né, de, de ensinar, de passar o conhecimento que nós sabemos, aí então veio a oportunidade de ingressar na universidade iih... me formar. Ih lá dentro na universidade, a tipo, foi como abriu mais assim a mente, os pensamentos, me formei e voltei para trabalhar né, na escola, a nossa comunidade como professora.”</p> <p>Professor D: “Bom falando das diferenças da brincadeira né tanto tradicionais como não tradicionais que é mais a gente fala mais na relação dos não indígenas né dos kupen. Aqui na minha aldeia brincadeira tradicionais que do nosso povo, nossa etnia é a corrida de tora, a corrida de varinha né aí tem a brincadeira da abobora né pela qual um grupo fica segurando uma abobora e o outro tenta tirar dele né, mais uma brincadeira testando a força e habilidade também né de poder conseguir tirar a abobora que está entre os braços do seu oponente. Geralmente fazemos entre menino e menina. A brincadeira da peteca que é qual a peteca daqui da nossa etnia que é feita cum... cum palha de milho i ela é jogada pra cima. I o jogo de flecha né que é um dos bem tradicionais, geralmente as crianças elas têm essa disputa aqui i já as brincadeiras não tradicionais têm o cabo de guerra, assim que na minha opinião não sei se ele é, ele é, na minha visão acho que é mais do branco que hoje a gente tá inserido aqui na nossa cultura né. I pular corda né, i amarelinha, da pega também eu acho que é uma das brincadeiras em que, que não são tradicionais, mais que elas se tornam bem presentes no nosso dia a dia é aqui da escola né pra brincar com as crianças, mas eu acho que o cabo de guerra é um dos, uma das brincadeiras não tradicionais que se tornou tradicional pra gente i tá praticando.”</p>

--	--

Questões	Relatos
<p>2) Como você trabalha a sua cultura na sala de aula? Especifique dando exemplos.</p>	<p>Professor B: Bom é na sala de aula, a gente trabalha nossa cultura, vamos dizer assim, eu trabalho como professora é conhecimentos gerais, trabalho na educação infantil, fundamental menor. Há a gente trabalha a nossa cultura em sala, a gente tenta é trabalhar é o português, trabalhando é assimilando algo do dia a dia né da nossa comunidade, a matemática, o português é a ciência né na matemática são os números trabalhando o número 1,2,3 aí a gente é, é dá o a comparação né putit, aikrkw, itôr. Mamãe, papai, inxê, inxu, ée... a gente procura é, é trabalhar as duas coisas juntos, certo que também tem os dias de aula na língua indígena só da língua, mais a todo momento a gente tá tentando trazer, trabalhar os dois junto né da melhor forma.</p> <p>Professora D: Bom respondendo aqui a segunda pergunta, é eu trabalho sou professora de educação infantil, então eu trabalho a minha cultura por meio de desenhos né, grafismo i atualmente eu trabalho com história, contando histórias que são do nosso povo que tem ficado um pouco né deixado de lado. Não esquecido, mais deixado de lado, então eu trabalho, por exemplo a história do fogo e da onça né como a gente adquiriu o fogo e tal ai eu pego essa história, trabalho ela em sala de aula, faço atividade com base encima dela pra que as crianças possam ter um, uma como e que eu posso dizer é um entendimento maior da história né porque além de ser contada a gente trabalha encima dela, então assim que eu atualmente tô trabalhando com a minha, sobre a minha cultura na sala de aula, essa questão da afirmação da nossa atividade por meio da mitologia do nosso povo que pra nós é a gente reconhece como história.</p>

Questões	Relatos
<p>3) Qual a importância de ser uma professora indígena trabalhando na escola de sua própria comunidade?</p>	<p>Professora B: Bom é, todos os professores são muito importantes o professor não indígena também tem uma importância imensa, mais a importância de ser um professor indígena trabalhando na escola da nossa comunidade da nossa própria comunidade, é é uma importância que a gente não, tem como, como falar mais é tão importante é essencial para é e essencial para nós, para fazer a educação escolar indígena. Porque o professor indígena, ele já é uma educação, escolar indígena em si por que ele é um professor di seja de matemática, de português, de conhecimento gerais e ele é indígena. Então ele se preparou lá fora, ele obteve o conhecimento do branco né, juntando com o conhecimento da sua cultura ele ingressou na universidade e hoje ingressou na escola e trabalha como professor. Então é de uma extrema importância para a comunidade, para a escola e para si próprio.</p> <p>Professora D: Bom para mim a importância de ser professor indígena trabalhando na escola da minha comunidade, da minha própria comunidade é muito gratificante por quê? Porque eu como professora e ao mesmo tempo eu como membro da comunidade, podemos dizer que aqui como membro eu consigo ver as necessidades da minha aldeia i eu como professora Trabalho essas necessidades em sala de aula. Por exemplo eu como tô falando, talvez é uma coisa que eu vou falar muito aqui nesse áudio, nessa entrevista é que eu trabalho atualmente sobre a mitologia porque eu entendi que a mitologia do nosso povo, a histórias dos nossos povos elas são importantíssimas para a afirmação da identidade dessas novas gerações e eu como professora da comunidade né e membro da comunidade eu tento trazer essa, trabalhar essa questão da mitologia e a importância dela nos dias atuais. Então por isso que é muito importante eu ser professora indígena da minha própria comunidade porque eu consigo ter uma visão ampliada e consigo podemos dizer ser mais objetiva quando eu tento uma melhoria pra nossa educação aqui da minha aldeia.</p>

Questões	Relatos
<p>4) Qual a importância da escola dentro da sua aldeia?</p>	<p>Professor B: Bom, uma escola dentro da sua aldeia é importante para minha comunidade, é importante para que os nossos alunos indígenas não saiam pra cidade, que aprendam dentro da comunidade para que a nossa comunidade indígena também possa tá trabalhando junto com a educação escolar do não indígena né trabalhando junto, toda a comunidade na escola, e assim nossos jovens vão é tendo uma educação o conhecimento do não indígena, mais também com o conhecimento indígena e assim a gente tem o objetivo de formar a cidadão indígena, os dois conhecimentos, ele aprende a ser um guerreiro indígena, mais também sabendo o é obtendo conhecimento do não indígena, né tendo conhecimento porque ele aprende os seus val... são os seus direitos e também os seus deveres e é importante pra gente a escola, dentro porque a gente sabe que ali ele não vai correr o risco de atravessar a rua, ser atropelado, ter mais influência ou não ele vai tá aprendendo português, ele vai tá aprendendo conhecimento do não indígena, mais também tendo o seu conhecimento, o conhecimento da sua cultura o tempo todo, isso e de extrema importante, importância pra nossa comunidade na verdade, todas as comunidades.</p> <p>Professor D: eu vejo que a escola hoje, a nossa comunidade ressignificou né esse conceito de escola pra que a gente possa a escola ser um dos instrumentos de fortalecimento e afirmação das identidades né, principalmente dessa nova geração que querendo ou não ela sofre muito com essas interferências de outras culturas principalmente dos não indígenas e então nossa escola ela trabalha muito essa questão da afirmação e transmissão. Não estou falando que ela seja um único meio de transmissão da nossa cultura e afirmação da identidade. Mas ela é um dos meios importantes para que isso aconteça também, porque diariamente as crianças elas vão na escola e então diariamente elas têm é esse contato com a cultura né com as nossas histórias. Então a escola é um instrumento importantíssimo de transmissão, informação e afirmação da identidade. Mais se a gente for pensar que a escola antigamente ela foi, ela é uma instituição criada pelo não indígena i quando ela foi inserida, ela foi inserida pra que esses povos viessem perder ou deixar ou esquecer suas culturas. Hoje atualmente, aqui principalmente eu falando aqui da minha comunidade a gente trabalha</p>

	<p>ao contrário. A gente trabalha com a afirmação da identidade, com a transmissão da nossa cultura né como falei a afirmação da identidade da do povo de quem a pessoa é, de qual povo ela pertence no nosso caso a gente pertence como povo Akrãtikatêjê i é isso que a gente vem trabalhando, a nossas crianças é daqui da nossa escola. então a escola ela é um importante instrumento né de transmissão, informação e afirmação da identidade.</p>
--	---

Questões	Relatos
<p>5) Há quantos anos atua nessa escola?</p>	<p>Professora B: Como eu já disse já, tem sete anos, eu trabalho na escola Peptykre Parkatêjê. Próxima pergunta para, para você qual a importância das brincadeiras indígenas para o aprendizado escolar das crianças? Bom as brincadeiras são indígenas pra mim é de extrema importância porque o fato de a gente tá levando né pra escola a corrida de tora, o jogo de flecha é a corrida de varinha é, é mostrando á que grupo pertence, a grupo não pertence, como falei pra, a gente fala brincadeira, mais não é brincadeira é atividades culturais do nosso povo. Então levando pra escola, eles já vão tendo o hábito de fazer, de lá eles já vão se aperfeiçoando mais, é não vão ficar muito só no foco do jogo de futebol, jogo de futebol então é muito importante para nossa própria sobrevivência, pra mim é importante para a cultura, para a nossa vida, para a nossa, para o nosso fortalecimento cultural.</p> <p>Professor D: eu trabalho aqui na escola akrôtikateje desde 2016 com a qual a gente começou as atividades, mas foi, mais assim efetivado mesmo, eu trabalho desde 2019. Mais como eu falei né a gente sempre vem trabalhando antes, mesmo que a escola não seja reconhecida a gente tem um trabalho. Mais reconhecida eu tenho desde 2019 que hoje esse ano faz três ano que eu trabalho.</p>

Questões	Relatos
<p>6) Para você qual a importância das brincadeiras indígenas para o aprendizado escolar das crianças?</p>	<p>Professor B: sim! Eu acho sim, como um método pedagógico sim, das formas é dessas brincadeiras culturais é como elas vem sendo utilizada na escola, elas podem sim, determinar é, é que elas funcionam como método pedagógico. Porque pelo simples fato de estar trabalhando isso em uma e em uma aldeia indígena, uma escola indígena e trabalhando a educação escolar indígena, simplesmente por isso eu acho a importância porque é uma escola diferenciada, mais por quê uma escola diferenciada? Porque dentro dessa escola, trabalha-se a educação escolar e a educação escolar indígena. Dentro dessa escola diferenciada é trabalhado a educação do não indígena e a educação dos indígenas, não é a gente trabalha os nossos, a gente traz o conhecimento dos nossos anciões pra dentro da escola e leva o conhecimento do branco pra fora, então a gente trabalha junto com a comunidade. Então as brincadeiras culturais é elas podem determinar, também que elas funcionam como método pedagógico sim e de extrema importante, de extrema importância para a cultura de um povo, para o fortalecimento da cultura de um povo.</p> <p>Professor D: A importância das brincadeiras tradicionais para o aprendizado e escolar é porque as crianças naquele momento, elas estão mais é como e que eu posso dizer, elas estão mais aberta para aquele momento, pra brincar, se divertir e também sabemos que esse momento de brincadeira ele é um momento também de aprendizado né seja da nossa forma, porque como eu falei anteriormente a escola ela não é como, a gente não ver a escola como os não indígena ver é ao contrário a gente ver a escola, a escola tem que se adaptar a nossa rotina da nossa comunidade, as nossas necessidades e se as nossas necessidades são afirmação da identidade, transmissão e informação das várias, em vários aspectos da nossa cultura, as brincadeiras elas trazem isso de uma forma mais leve e mais prazerosa para as crianças e sabemos que as crianças quando elas estão em um ambiente leve né harmonioso, elas tem a tendencia de aprender mais né a qual elas não tão sendo cobrada pra que ela aprender, mais que a gente vai deixando ela seguir o fluxo da brincadeira e logo em seguida elas conseguem ter uma como e que pode dizer, um aprendizado maior.</p>

Questões	Relatos
<p>7) Você acha que a forma como essas brincadeiras culturais vem sendo utilizadas na escola pode determinar que elas funcionam como um método pedagógico? Por quê?</p>	<p>Professor B: Então as brincadeiras culturais é elas podem determinar, também que elas funcionam como método pedagógico sim e de extrema importante, de extrema importância para a cultura de um povo, para o fortalecimento da cultura de um povo.</p> <p>Professor D: eu acredito que não porque as brincadeiras culturais ou as formas como essas brincadeiras vem sendo introduzida, elas precisam ser é sistematizada né, é a gente precisaria fazer tipo pesquisas né pra que a gente possa relacionar o ver quais são as formas, quais são as brincadeiras culturais i estuda-las, analisa-las, relaciona-las com outros conhecimento, outros ensinamentos e outros métodos i métodos pedagógico ou na área da educação, pra que a gente possa ver o que realmente funcionaria, o que realmente funciona e a partir de toda essa analise a gente teria que tá... como é que fala reunindo essas informações né que no caso sistematizando essas informações, só a partir daí que a gente conseguiria transforma-la em um método pedagógico i assim aplicar nas sala de aula i ter um resultado porque se a gente for pensar hoje se ela fosse um método pedagógico a gente teria um resultado mais é como que eu posso dizer, mais escancarado né um resultado mais que todo mundo consegue ver assim “não tá funcionando” mais a gente ver né, aqui da terra indígena que essas brincadeiras elas estão presente, mais elas não são um método pedagógico porque elas não foram estudada e nem relacionado com outros métodos pra que a gente possa realmente falar assim “não, foi feito todo uma pesquisa, né todo uma, uma procura né pra gente poder analisar essas questões das atividades, das brincadeiras tradicionais” então por isso que na minha visão que eu acho que ela não é um método pedagógico ou tenha essa finalidade né, espero que eu tenha conseguido chegar a uma (risos) a um raciocino.</p>

4.2. Resultados e discussões

Nestas buscas foram alternativas e práticas pedagógicas de forma bem tradicional a cultura do meu povo, e em concordância com as professoras entrevistadas e as referências teóricas estudadas posso refletir sobre os bons resultados para o desenvolvimento educacional infantil, caracterizando o conhecimento de habilidades, comportamento e atitudes que são bem importantes para o aprendizado dos alunos nessa fase de aprendizado.

Inferimos que nas escolas onde as professoras entrevistadas atuam parece está havendo uma contrapartida delas de forma transformadora, pois buscam reproduzir a ludicidade cultural e tradicional de uma cultura nada perdida, conforme OLIVEIRA (2006), ressalta que o professor também pode proporcionar à criança a noção de quem é, deixando manifestar-se o gosto pelo conhecer (-se). A educação, nessa perspectiva, significa, ou seja, “a tarefa da educação pode ser pensada como um trabalho de escultor”, como aquele que “da forma, busca-a faz emergir”. Proporcionando maneiras de organizar jogos com atividades simbólicas, que para nós Gavião isso é o ponto mais importante. E isso o professor tem que estar atento nas aulas e importância das regras de sinônimo cultural.

Em posições que as professoras indígenas e não indígenas trouxeram de suas experiências com a educação, unindo os conhecimentos tradicionais junto aos conhecimentos disciplinares de ensino, em visão que todos os professores da Terra Indígena Mãe Maria esperam por formação continuada para melhorar suas metodologias de ensino.

Então há uma perspectiva entre as professoras que através dos seus conhecimentos e vivências favorecem a capacitação de produções de materiais didáticos com participação dos indígenas para orientar no ensino e aprendizado em sala de aula. Sabendo que o sistema de ensino é escasso por não suprir devidamente nossos direitos de uma educação de qualidade, sem uma garantia de uma infraestrutura escolar satisfatória.

Com isso as escolas da TI Mãe Maria buscam estratégias que relacionem seus direitos de uma educação diferenciada, tomando partida da construção de uma matriz curricular intercultural, buscando alternativas a um currículo conforme sua cultura, identidade, saberes étnicos para a capacitação da realidade do povo Gavião.

Em relatos das professoras entrevistadas, elas nos fazem refletir sobre essa necessidade de as escolas indígenas reconhecerem a grandeza do lúdico como forma de ensino e aprendizagem, buscando garantir que as populações indígenas tenham um espaço para propagar a sua cultura e não

deixar perder sua história, que já foi devastada por conta da entrada do branco em nossas terras e de outros fatores que levaram a extinção de muitos povos indígenas tais como perda de território e desmatamentos.

Conforme as impressões das professoras entrevistadas, elas apontam que na nossa cultura os conhecimentos são repassados para as crianças, tudo aquilo que envolva seu dia a dia, suas atividades na comunidade para que possam prevenir os costumes e identidade. E isso hoje está ocorrendo dentro da escola, para que a educação indígena se envolva nas necessidades que há na educação escolar. E a educação escolar indígena é uma escola que encaminha para os conhecimentos tradicionais, que reforce os projetos educacionais para que envolva os conhecimentos universais dentro da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar minha monografia em respeito a minha cultura e identidade, apresento a importância na educação pedagógica indígena, com a expectativa de uma educação de qualidade, respeitando nossos valores através dos conhecimentos tradicionais.

Compreendendo a realidade dos alunos e apropriando e respeitando a vivência cultural, para ser ensinado para as crianças da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, e para uma renovação ao modo de ensino e elevando na construção de conhecimentos que aproxima os alunos a sua realidade.

Na prática educacional em sala de aula, através dos meus estágios, pode refletir na minha profissão como futura pedagoga para meu crescimento usando como ferramenta na escola dentro da minha comunidade, tornando minha forma de ensinar bem dinâmica e criativa.

Com o resultado dos dados coletados através das falas das professoras que participaram das entrevistas pude confirmar a necessidade dos jogos e brincadeiras que fazem parte da nossa cultura estarem mais presentes em nossas escolas, pois eles podem nos favorecer implementando através deles nossos saberes tradicionais e respeito a nossa identidade. Também essa importância que é a falta de sistematização, didatização das brincadeiras tradicionais.

REFERÊNCIAS

ABBONIZIO, Aline; GHANEM, Elie. Educação escolar indígena e projetos comunitários de futuro. **Educação e Pesquisa**, v. 42, p. 887-901, 2016.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 3 eds. Petrópolis: Vozes, 1999.

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowa: impactos e interpretações indígenas**. (Dissertação de Mestrado). Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ. (2009).

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas**. Alfabetização e Diversidade. Indígenas. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CEB nº 01 de 7 de abril de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2321-rceb001-99&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 19/fev) 2020.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília MEC/ SEF, 1998. 3 v. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 19/fev/2020.

CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis E. (Org). **Educação Infantil; Pra que te Quero?** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática – Elo entre as Tradições e a Modernidade**, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2005.

FAUSTINO, R. C. **Educação e religião Guarani no Paraná: estudo a partir do ritual Nimongaray**. **Práxis Educativa**, P. 239-263. (2012).

FREIRE, José Ribamar Bessa. 25/08/2013 - Diário do Amazonas: A LÍNGUA QUE SOMOS.

GOMES, Antonio Almir Silva; DE OLIVEIRA BARBOSA, Josinete; FERREIRA, Iohana Victória Barbosa. Do bilinguismo ao multilinguismo: um caminho para a escola indígena diferenciada. **Caderno de Letras**, n. 36, p. 275-292, 2020.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **Com um pé na Aldeia e um pé no mundo: avanços, dificuldades e desafios na construção das escolas indígenas públicas e diferenciadas no Brasil**. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, p. 195-212, Jan/jun., 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/leite.pdf>>. Acesso em: 19/fev /2020.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **Escola pública, diversidade cultura e democracia: aprendendo com a experiência da escola indígena Pataxó da aldeia Muã Mimatxi**. XXV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação. Disponível em:

<<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0294.pdf>>. Acesso em 19/fev. /2020.

LUCINDO, Willian Robson S. Histórico do Movimento Negro no Brasil, luta e resistência às Políticas de Ação Afirmativas, a Declaração de Durban até a Lei 10.639/03: a dívida social do Brasil com a população negra após o 13 maio. In: **Formação de professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. (Org). CARDOSO, Paulino de Jesus, F; RASCHE, Karla Leandro. 1ª ed. Florianópolis: Editora DIOESC, 2014. P 60-75.

LUIZ, C. M. (2015). **Brinquedos e brincadeiras Kaingang** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Meliá, B. (1979). Educação indígena e alfabetização. São Paulo, SP: Loyola.

RICARDO, Beto et al. (Ed.). **Povos indígenas no Brasil: 2006/2010**. Instituto Socioambiental, 2011.

ROCHA, M. B.F. Vinha, M., Fassheber, J. R., Tagliari, J. R., & Ugarte, M. C. D. **Cultura corporal indígena**. In L. Pereira da Costa (Org.), Atlas do esporte no Brasil (p. 35-36). Rio de Janeiro, RJ: Shape. (2005).

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasileiras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf>. Acesso em: 26 de ago. de 2020.

SILVA, A. F. C. **A infância indígena diante das violações a direitos fundamentais**. In A. Cantú (Org.), **Criança indígena: olhar multidisciplinar** Campo Grande, MS: Alvorada. (p. 44-54). (2012)

SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarak; DE SOUZA, Adria Simone Duarte; BETIOL, Celia Aparecida. A educação escolar indígena no Brasil: uma análise crítica a partir da conjuntura dos 20 anos de LDB. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 11, n. 19, p. 58-75, 2017.

TUPÃ, T. **Jogos e brincadeiras de crianças Guarani**. T.I. Verá Tupã'i-PR. Entrevista. Acervo/LAEE-UEM, Maringá, PR. (2012)

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. (1984).

_____. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo, SP: Ática. (2009)

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré – Escola**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

APÊNDICE 01- Roteiro de Entrevista com Professores Indígenas de Escolas da Terra Indígena Mãe Maria

O presente roteiro, é fruto da disciplina de TCC II, que é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é da aluna Airãre Silva Jamxere orientada pela professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. As respostas coletadas serão usadas como dados da pesquisa. Não irá acarretar prejuízo físico ou moral para aquelas/aqueles que se dispuserem a responder, além de preservarmos o anonimato dos entrevistados (as). Desde já agradecemos a sua participação.

- a) Qual o seu nome?
- b) Qual o nome completo de sua escola? Em que aldeia da TI Mãe Maria ela está situada?
- c) Qual a sua formação acadêmica?
- d) Há quantos anos atua na educação básica?
- e) Como você se tornou professora nessa escola
- f) Há quantos anos atua nessa escola?

Questões

- 1) Na escola em que você atua certamente há uma diferença das brincadeiras tradicionais e das brincadeiras não tradicionais. Especifique quais brincadeiras fazem parte da sua etnia e quais brincadeiras foram trazidas para sua aldeia, através dos Kupê (não-indígena) e que hoje fazem parte da vida de sua comunidade.
- 2) Como você trabalha a sua cultura na sala de aula? Especifique dando exemplos.
- 3) Qual a importância de ser uma professora indígena trabalhando na escola de sua própria comunidade?
- 4) Qual a importância da escola dentro da sua aldeia?
- 5) Há quantos anos atua nessa escola?
- 6) Para você qual a importância das brincadeiras indígenas para o aprendizado escolar das crianças?
- 7) Você acha que a forma como essas brincadeiras culturais vem sendo utilizadas na escola pode determinar que elas funcionam como um método pedagógico? Por quê?

APÊNDICE 02 - Roteiro de entrevista com Professores não-indígenas que atuam em escolas da Terra Indígena Mãe Maria

O presente roteiro, é fruto da disciplina de TCC II, que é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é da aluna Airãre Silva Jamxere orientada pela professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. As respostas coletadas serão usadas como dados da pesquisa. Não irá acarretar prejuízo físico ou moral para aquelas/aqueles que se dispuserem a responder, além de preservarmos o anonimato dos entrevistados (as). Desde já agradecemos a sua participação.

- a) Qual o seu nome?
- b) Qual o nome completo de sua escola? Em que aldeia da TI Mãe Maria ela está situada?
- c) Qual a sua formação acadêmica?
- d) Há quantos anos atua na educação básica?
- e) Como você se tornou professora nessa escola
- f) Há quantos anos atua nessa escola?

Questões

1. Sabemos que o lúdico é algo que estimula as crianças através das fantasias, do divertimento e das brincadeiras. Quais são as formas Lúdicas que você usa no desenvolvimento na sala de aula com sua turma?
- 2) Como surgiu interesse para entrar como docente na educação indígena?
- 3) Você já fez ou está fazendo alguma formação continuada para trabalhar na modalidade da educação indígena? Em caso positivo, o que você aprendeu sobre jogos e brincadeiras na cultura indígena?
- 4) Quais as metodologias e materiais didáticos são usados em sala de aula?
- 5) Quais e quantas brincadeiras da cultura indígena você conhece? Como você brinca com as crianças na sua sala de aula?
- 6) Para você qual a importância das brincadeiras indígenas para o aprendizado escolar das crianças?
- 7) Você acha que a forma como essas brincadeiras culturais vem sendo utilizadas na escola pode determinar que elas funcionam como um método pedagógico? Por quê?